

ISSN 2179-6890

PERCEPÇÃO AMBIENTAL ENTRE ALUNOS DO COLÉGIO TIRADENTES E DO COLÉGIO ESTADUAL CORONEL PILAR, NA CIDADE DE SANTA MARIA, RS¹

ENVIRONMENTAL PERCEPTION AMONG ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS FROM TIRADENTES SCHOOL AND CORONEL PILAR STATE SCHOOL, IN THE CITY OF SANTA MARIA, RS

Daniel Feltrin de Oliveira² e Valdemar Valente³

RESUMO

Os inúmeros problemas ambientais que a sociedade globalizada enfrenta exigem uma mudança no paradigma educacional, o qual garanta ações à escola para a formação de uma sociedade mais justa e sustentável, bem como desenvolver habilidades e competências nos alunos, com vistas à formação de um sujeito crítico/reflexivo. Nesta pesquisa, objetivou-se analisar a percepção ambiental entre alunos da 8ª Série do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Coronel Pilar e alunos da 3ª Série do Ensino Médio do Colégio Tiradentes, na cidade de Santa Maria, RS, enfatizando a Educação Ambiental. Para isso, foi aplicado um instrumento de pesquisa, dados e informações tabulados e construído o artigo. Chegou-se a conclusão que as escolas e os professores, dentro de suas possibilidades de tempo e de materiais, estão comprometidos em trabalhar com conhecimentos ambientais, porém se deparam com um grande desafio: a mudança comportamental tão degradante da sociedade atual. Este é o embate da escola na atualidade, mudar os rumos do ensino.

Palavras-chave: geografia, sustentabilidade, Educação Ambiental.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmico do Curso de Geografia - UNIFRA. E-mail: feltrinoliveira@bol.com.br

³ Orientador - UNIFRA. E-mail: vvalente@unifra.br

ABSTRACT

The numerous environmental problems that the global society faces demand a change in the educational paradigm in order to secure actions to the schools towards a more sustainable and fairer society, as well as to develop students' abilities and skills to help them become a more critical and reflexive individual. The research had as objective to analyze the environmental perception among elementary school students from Tiradentes School and Coronel Pilar State School, in the city of Santa Maria, emphasizing the Environmental Education as a pedagogical proposal. To do that, it was applied a research instrument where the data and information were tabled and with them an article was made. It was concluded that the schools and teachers, within their time and material available, are committed to working with environmental knowledge. Nonetheless, they face the great challenge of changing the degrading behavior of nowadays society. This is the challenge of school in our days: to change the course of teaching.

Keywords: *geography, sustainability, Environmental Education.*

INTRODUÇÃO

Cotidianamente, os educadores convivem com uma situação muito delicada: o compromisso de construir e ensinar os mais variados conhecimentos para a comunidade escolar. Para isso, deparam-se com inúmeras dificuldades no que tange a salários, carência de recursos materiais, valorização profissional, insegurança, qualificação profissional e falta de infraestrutura nos mais variados ambientes de trabalho. No ambiente escolar, o educador encontra diferentes necessidades de aprendizagem e expectativas, bem como os mais diversos níveis socioeconômicos e culturais, desenvolvendo, assim, um trabalho árduo.

Sabe-se que a missão do educador é importante perante a sociedade atual, e recai, geralmente sobre eles, a necessidade de realização de atividades que promovam a Educação Ambiental em nível escolar, mostrando a relação do ser humano com o ambiente e vice-versa.

A ação da escola em projetos de Educação Ambiental deve criar nos educandos uma visão holística e integrada, construindo um conhecimento que relacione a teoria à prática no dia a dia de suas vidas. Dessa forma, procuraram-se identificar os problemas ambientais locais e regionais e no ambiente escolar, estimular os educandos para a percepção e a conscientização do espaço ocupado,

bem como a forma mais eficaz de resolvê-lo ou amenizá-lo, com projetos que poderão ser desenvolvidos com a comunidade escolar.

Neste trabalho, tem-se como objetivo geral conhecer a percepção ambiental entre alunos de escolas da Educação Básica, na cidade de Santa Maria. Como contribuição social, neste trabalho, busca-se *in loco* (dentro da realidade escolar) fazer uma comparação dos alunos/escola sobre suas percepções ambientais, inclusive sugerindo atividades para torná-la mais conhecida e praticável à Educação Ambiental.

REFERENCIAL TEÓRICO

O modelo de desenvolvimento econômico predominante na sociedade contemporânea está fortemente relacionado com os problemas ambientais que, por sua vez, geram a perda da qualidade ambiental. É um modelo de desenvolvimento ecologicamente predador, socialmente perverso e politicamente injusto (EVASO et al., 1996). Quando não se consegue criar soluções culturais em relação aos problemas evidenciados ocorre o uso abusivo e indiscriminado dos recursos naturais, indicando uma crise civilizatória, de caráter ambiental (RODRÍGUEZ, 1997).

Dessa forma, o aumento demográfico e a necessidade de atender às demandas da população tornaram imperativa a mudança dos mecanismos de produção. Abdicou-se do sistema artesanal e promoveu-se a Primeira Revolução Industrial, gerando, entre outros problemas, o esgotamento de recursos naturais, a destruição de ecossistemas e a perda da biodiversidade, afetando, assim, os mecanismos que sustentam a vida na Terra e evidenciando o modelo de desenvolvimento “insustentável” por trás desta realidade (IBRAM, 2010).

Há também uma separação entre espaço e lugar. Conforme Giddens (1990), o “lugar” é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado, o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas. O mesmo autor ainda comenta que:

Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o lugar eram amplamente coincidentes, uma vez que as dimensões espaciais da vida social eram, para a maioria da população, dominadas pela “presença” - por uma atividade localizada [...]. A modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforçar relações entre outros que estão “ausentes”, distantes (em termos de local), de qualquer interação face a face. Nas condições da modernidade [...], os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências

sociais bastante distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza (GIDDENS, 1990, p. 18).

Nesse sentido, a expansão do mercado mundial e da modernidade influencia inúmeras mudanças comportamentais e culturais da nossa sociedade. No mundo globalizado, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características e novas definições.

Assim, nasce, na década de 1960, o movimento ambientalista. Nesse período, ocorreram grandes movimentos, como o dos “hippies”, a explosão do feminismo, o movimento negro - *Black Power* -, o pacifismo, a liberação sexual e métodos anticoncepcionais, as drogas, o “rock-and-roll”, a expansão da informática e da TV, as manifestações anti-Guerra Fria e a corrida armamentista/nuclear e anti-Vietnã (CASCINO, 2000).

Outro acontecimento marcante ocorreu em 1962, quando a escritora norte-americana Rachel Louis Carson lança o clássico livro *Silent Spring* (Primavera Silenciosa), tratando dos problemas causados pelo uso excessivo de pesticidas, inseticidas sintéticos e a consequente perda da qualidade de vida, em decorrência da artificialização do cotidiano e do uso indiscriminado dos recursos naturais. Nesse contexto de cultura, é que surge o ambientalismo, tendo a marca dos movimentos ditos minoritários e alternativos.

Foi a partir da Organização das Nações Unidas (ONU) que se passou a preocupar-se com o comportamento predatório do desenvolvimento econômico do Planeta. Várias críticas foram feitas ao modelo adotado pelos países desenvolvidos e foi sugerido um novo modelo de desenvolvimento capaz de manter o progresso sem prejudicar o meio ambiente. Nascia, assim, o conceito de desenvolvimento sustentável, apresentado no relatório “Nosso Futuro Comum”, publicado em 1987. Segundo este relatório, “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades” (CMMAD, 1991).

No Brasil, a preocupação com a qualidade ambiental se manifestou em 1981, com a Lei Federal número 6.938, que instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente, seguida pela Constituição Federal de 1988, que assegura um ambiente saudável para todos; e o Tratado de Educação Ambiental, da Rio-92. Mas é na Lei Federal número 9.795/99 Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), que ficou estabelecida a Educação Ambiental em todos os níveis e idades (SATO, 2004).

Segundo Becker (2002), harmonizar desenvolvimento econômico e

qualidade ambiental representa um grande desafio para as próximas gerações. O mesmo autor salienta a importância da Educação Ambiental para consolidar novos conhecimentos de um modelo de desenvolvimento sustentável que conjugue crescimento, estabilidade econômica e justiça social.

Uma educação transformadora envolve não só uma visão ampla de mundo, como também a clareza da finalidade do ato educativo, uma posição política e competência técnica para programar projetos a partir do aporte teórico e formador de profissional competente (PHILIPPI JR; PELICIONI, 2005).

A partir desse contexto, a Educação Ambiental propõe uma atitude socioambiental, na qual o setor produtivo (fábricas e empresas) se compromete em revisar os modos de produção e padrões de consumo vigentes, de tal forma que o sucesso empresarial não seja alcançado a qualquer preço, desse modo, a empresa assume um compromisso social e ambiental. São alguns exemplos de programas e projetos de responsabilidade socioambiental: inclusão social, inclusão digital, programas de alfabetização, coleta de lixo, reciclagem, utilização de agrotóxicos, poluição, entre outros.

Dessa forma, a Educação Ambiental é um verdadeiro desafio para os cidadãos e os professores, pois ela deve possibilitar a realfabetização com relação ao meio ambiente e a tudo que o compõe. A escola precisa reavaliar seu papel na sociedade, proporcionando ao educando novas visões de mundo, cuja aprendizagem está voltada para o reconhecimento dos direitos e deveres de cada um, acabando com os erros cometidos no passado e ressaltando os valores da cidadania.

Existe, portanto, uma relação direta entre educação e meio ambiente que precisa fazer parte dos debates, buscando despertar na sociedade e nos estudantes uma visão de mundo globalizante, integradora, de totalidade e não fragmentada capaz de garantir a sustentabilidade.

Aos poucos, professores vão deixando de trabalhar a educação ambiental de modo “tradicional”, numa concepção naturalista. Antes, evidenciavam somente os aspectos naturais, como sol, árvores, rios, nuvens, deixando de lado as construções realizadas pelo homem. Essa visão é fruto do seu espaço socioeconômico, da sua cultura, ou seja, da sua representação social. Para se trabalhar com Educação Ambiental, é preciso conhecer as representações de meio ambiente das pessoas envolvidas no processo pedagógico (REIGOTA, 1994).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), no contexto dos estudos geográficos, procuram oferecer instrumentos essenciais para compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela, podemos compreender como

diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivem, o que o diferencia e o que aproxima de outros lugares e, assim, construir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, distantes no tempo e no espaço, e perceber as marcas do passado no presente.

É fundamental que o espaço vivido pelos alunos continue sendo o ponto de partida dos estudos ao longo do terceiro e quarto ciclos e que este estudo permita compreender como o local, o regional e o global relacionam-se nesse espaço (BRASIL, 1998, p. 30).

Nesse contexto, busca-se despertar na sociedade e nos estudantes uma visão de mundo globalizante, integradora, de totalidade e não fragmentada, e o ser humano é visto como produto e criação de seu meio, evidenciando uma interdependência entre o meio natural, socioeconômico e cultural, sob o enfoque da sustentabilidade. Castrogiovanni et al. (2000, p.11) mencionam, ainda, que pode tornar a escola pouco interessante:

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasia, como tendem a ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses. As ciências, passam por mudanças ao longo do tempo, pois as sociedades estão em processo constante de transformação/(re)construção. O espaço e o tempo adquirem novas leituras e dimensões.

O foco deve ser a mudança de atitudes, partindo dos professores. Aplicar estratégias interessantes, novas dinâmicas e metodologias pode ser o primeiro passo para que se desenvolva nos alunos habilidades voltadas à Educação Ambiental. Pode-se fazer apresentação de filmes, propostas para redações,

desenhos, teatros, jogos, palestras, campanhas, feiras, trilhas ecológicas, etc.

Nesse sentido, o professor, em especial o de geografia, é o agente capaz de contextualizar esses assuntos, analisando algumas ações pertinentes à sustentabilidade do Planeta como: cooperação internacional, combate à pobreza, mudança dos padrões de consumo, integração entre meio ambiente e desenvolvimento na tomada de decisões, abordagem integrada do planejamento e do gerenciamento dos recursos terrestres, proteção de ecossistemas frágeis contra a desertificação e a seca, promoção do desenvolvimento rural e agrícola sustentável, incentivo à produção e consumo de alimentos orgânicos, conservação da diversidade biológica, manejo ambientalmente saudável dos resíduos sólidos e questões relacionadas com os esgotos, estímulo ao uso de fontes de energias limpas e renováveis, atitudes voltadas para o consumo controlado de água, promoção do ensino, da conscientização e do treinamento, etc (<http://catalisa.org.br>).

O mais importante é que se tenha respeito pelas diversas opiniões, debata os pontos conflitantes ao invés de ignorá-los, busque sempre que possível o envolvimento da família, incentive a participação do aluno na resolução de problemas; enfim, que se crie um ambiente de construção do conhecimento nessa área.

Portanto, a escola passa a ter um papel importante na sociedade, levando ao educando novas visões de mundo, cuja aprendizagem está voltada para o reconhecimento dos direitos e deveres de cada um, minimizando os erros cometidos no passado e ressaltando os valores da cidadania.

METODOLOGIA

Primeiramente, buscaram-se definir as escolas para a realização da pesquisa. A seguir, realizam-se o levantamento bibliográfico, o fichamento das bibliografias selecionadas e a construção do referencial teórico, fazendo um breve histórico da Educação Ambiental e ressaltando sua importância e necessidade de implantação no âmbito mundial, nacional, estadual, municipal e local.

Em um segundo momento, analisou-se a Educação Ambiental como proposta para a formação de uma sociedade mais justa e sustentável, propondo novas estratégias e instrumentos que incentivem o desenvolvimento de habilidades e competências básicas para que o aluno se conscientize como sujeito crítico e transformador da sua história e do meio ambiente onde atua e se aproprie efetivamente de novos saberes para nele agir.

Em um terceiro momento, o trabalho de campo envolveu a aplicação do instrumento de pesquisa contendo 21 questões. Foi escolhida para isso uma turma

da 8ª Série do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Coronel Pilar e uma turma da 3ª Série do Ensino Médio do Colégio Tiradentes, a fim de obter dados e informações referentes à percepção e à concepção sobre Educação Ambiental na comunidade escolar. Ainda na atividade de campo, foi realizada a observação, *in loco*, de atitudes dos alunos com o meio ambiente.

Por fim, as informações e os dados obtidos na pesquisa de campo (aplicação do instrumento) foram tabulados e organizados de maneira quantitativa, na forma mais adequada para expressão de resultados.

No desenvolvimento do trabalho, foi enfocada a linha de pesquisa que se intitula “análise interdisciplinar do meio ambiente e desenvolvimento urbano-rural”, do Curso de Geografia, do Centro Universitário Franciscano.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Santos (2000) afirma que a modernidade está assentada sobre dois pilares de construção do conhecimento, o primeiro é o conhecimento-regulação e o segundo o conhecimento-emancipação. O conhecimento que se consagrou foi o de regulação, dominando e anulando as possibilidades de implementação do conhecimento de emancipação.

Nesse sentido, Barcelos (2002) aponta que para se atingir o conhecimento-emancipação é necessário uma construção paradigmática, que permite distinguir as disciplinas sem, no entanto, separá-las, isolá-las, associar sem, com isso, reduzir ou anular qualquer uma das partes ou disciplinas envolvidas. O que não será uma tarefa muito fácil, tendo em vista que tudo no mundo está fragmentado, mas para se construir uma conscientização ambiental/planetária é necessário desconstruir a compartimentalização do conhecimento.

No Colégio Estadual Coronel Pilar ao serem perguntados se já haviam tido noções de Educação Ambiental na disciplina de Geografia, 85% dos alunos responderam que sim. Para essa mesma pergunta no Colégio Tiradentes esse índice aumenta para 100 % dos alunos.

Questionados se participavam de algum projeto de Educação Ambiental na escola, constatou-se que 97% dos alunos questionados do Colégio Pilar não fazem parte de nenhum projeto que envolva a Educação Ambiental, ao contrário do Colégio Tiradentes, onde 50% dos entrevistados participam de algum projeto de Educação Ambiental. Por mais que se discuta e se reflita a questão ambiental em sala de aula, há a falta de projetos que estimulem uma maior participação dos pais, alunos, professores e até mesmo

da comunidade local. Participação essa de fundamental importância no atual contexto histórico.

A Educação Ambiental tem por objetivo a busca do conhecimento integrado com vistas à solução dos problemas ambientais, assim a fragmentação do conhecimento perde o sentido, uma vez que esta educação visa o conhecimento-emancipação.

Diante dessa situação, pode-se dizer que as causas das agressões ao meio ambiente são de ordem política, cultural e econômica, caracterizadas principalmente pela concentração e/ou exclusão de renda. Ambos os modelos econômicos afetam o meio ambiente. A pobreza, pelo fato de só sobreviver pelo uso predatório dos recursos naturais e a riqueza pelos padrões de consumo insustentáveis (NEIVA et al., 2001).

Foi-se o tempo em que se pensava que os recursos naturais eram inesgotáveis e que estaria sempre à disposição do homem. Portanto, deve haver comprometimento político e social para que se possa viver sustentavelmente sem comprometer as futuras gerações. Nesse sentido, foi indagado se sabiam o que era sustentabilidade, 81% dos entrevistados do Colégio Estadual Coronel Pilar responderam que sim, enquanto que no Colégio Tiradentes todos os alunos responderam que sabiam o que era sustentabilidade.

A preocupação com a quantidade de resíduos produzidos pelas indústrias, em nossas casas e onde eles são depositados, são indagações cada vez mais presentes em nossa sociedade. Nesse sentido, vale lembrar a contribuição de Cozetti (2001), a qual alerta que cada brasileiro produz 1 kg de lixo doméstico por dia. Diante deste problema, reduzir, reutilizar e reciclar são palavras do momento e mostram o caminho a ser seguido pelas próximas gerações através de mudanças comportamentais.

Para Moreira (1995, p. 50), “nas escolas não se aprendem apenas conteúdos sobre o mundo natural e social; adquirem-se também consciência, disposições e sensibilidades que comandam relações e comportamentos sociais do sujeito e estrutura sua personalidade”. Destaca ainda que o processo tecnológico, apesar de haver propiciado uma melhoria na qualidade de vida das pessoas, por outro lado, se mostrou nefasto, pois possibilitou o aumento da produção de lixo. Na maioria das cidades brasileiras, a prática dos serviços de coleta não se dá de forma satisfatória, bem como o destino e tratamento final não são adequados.

Há décadas, sofremos influências do sistema econômico, acentuando-se com o processo de globalização, aumentando o crescimento do desemprego e o aumento das áreas de ocupação ilegal por um processo de “favelização”,

refletindo o grave quadro de exclusão social em que se encontra a população de áreas periféricas das grandes cidades brasileiras. Neste contexto, a miséria urbana é, sem dúvida, um dos maiores fatores de risco ambiental e de saúde que requer das políticas públicas uma atenção especial.

Lixo é resultado das novas práticas de consumo, e tem aumentado de tal forma que não se sabe onde colocá-lo. Porém, aos poucos esse assunto vai ganhando destaque nas salas de aula e começam a aparecer os primeiros resultados que é a construção de uma educação sensibilizadora, tornando atitudes e ações humanas mais equilibradas e harmoniosas

Com relação aos resíduos sólidos, no Colégio Estadual Coronel Pilar, 28% dos estudantes responderam que não se preocupam com os resíduos sólidos produzidos nas suas casas, refletindo assim, a superficialidade no processo de separação para a reciclagem. Nas residências desses alunos, ainda predomina, com 53%, a rotina da colocação dos resíduos sólidos em sacos, recolhidos pelo lixeiro, a qual não fazem nem ideia para aonde vai.

Enquanto que no Colégio Tiradentes percebe-se a preocupação com o resíduo sólido, influenciando a mudança de seus comportamentos para uma conscientização ambiental, agindo de forma mais ativa quanto ao destino dos mesmos, preocupando-se com a coleta seletiva e métodos alternativos de tratamento como a compostagem e a reciclagem.

Comparando as escolas, percebe-se que existem diferentes respostas verificadas nos questionamentos, principalmente sobre o seu comprometimento quanto ao destino dos resíduos sólidos. Priorizou-se essa temática, pois a maior quantidade do resíduo sólido brasileiro é depositado em locais impróprios, contaminando os solos e os recursos hídricos, aumentando a presença de vetores (moscas, baratas, ratos, pulgas, escorpiões e mosquitos) causando inúmeros problemas de saúde.

Esse comportamento pode estar associado ao método de ensino e às campanhas educacionais que são desenvolvidos nas escolas, os quais não estimulam, de forma adequada, a conscientização dos alunos para que contribuam na solução de problemas ambientais e sociais.

A percepção diferenciada pelos alunos talvez possa ser explicada pela idade e séries analisadas. Também, deve-se considerar que no Colégio Tiradentes os alunos possuem aulas regulares e complementares, em forma de extraclasses que visam o melhor desempenho e aproveitamento para o vestibular, enquanto isso, os alunos do Colégio Estadual Coronel Pilar estão se preparando para ingressar no 1º ano do Ensino Médio. No entanto, observa-se que em ambas as

escolas, simples atitudes começam a ser adotadas ao longo do processo educativo, destacando, neste contexto, o papel do professor.

Por mais que essas escolas sejam da rede pública de ensino, há diferenças estruturais (infraestrutura, recursos tecnológicos e administrativos, etc.), que não devem comprometer os objetivos educacionais quanto à construção de conhecimentos e habilidades por parte dos alunos. Outra diferença verificada no processo de ensino/aprendizagem se refere à hierarquia e à disciplina. Por ser vinculada a uma instituição de policiamento militar, os alunos do Colégio Tiradentes obedecem a regulamentos que de alguma forma moldam as relações entre o ensino e o desenvolvimento das capacidades intelectuais.

Diante disso, a tarefa da educação é complexa, assim como a percepção ambiental, pois dificuldades, necessidades e diferenças sempre vão existir, porém a finalidade deve ser uma só, impregnar no jovem educando a sensibilidade quanto à questão ambiental e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi pesquisado, concluiu-se que a Educação Ambiental deve ser tratada como um processo de desconstrução/reconstrução de ideias que contribuam para identificar, prevenir e solucionar os problemas ambientais vigentes em nossa sociedade.

Como resultados da pesquisa, observando as respostas e as atividades ao longo do ano escolar, conclui-se que este assunto é tratado de forma diferenciada, fragmentada e superficial, à medida que em ambas as escolas não há uma preocupação mais aprofundada e holística dos conhecimentos sobre a percepção ambiental. Tais procedimentos pouco influenciam no comprometimento e no envolvimento dos alunos com estas questões.

Concluimos ainda que o grande objetivo da educação deve ser a promoção de uma educação global, formando não apenas um aluno qualquer, mas um aluno-cidadão comprometido com os problemas atuais. Desse modo, o grande desafio é conseguir essa formação vivendo em uma sociedade fragmentada, constituída por diferentes conceitos de razão, educação, ética, política, marginalidade, sociedade e cultura.

Acreditamos que a partir desta formação global, as pessoas passarão a entender que o mundo é um sistema complexo e integrado, fundamental para a sobrevivência de todos os seres vivos, inclusive a própria espécie humana. No entanto, isso não ocorre do dia para a noite, pois é uma construção lenta, gradativa

e depende muito da qualidade profissional dos professores, à medida que precisam estar constantemente informados, motivados, qualificados e bem remunerados.

A Educação Ambiental poderá fornecer meios para a redução do processo de exclusão e fragmentação na dimensão do espaço, do indivíduo e da cultura. Assim sendo, o ensino de Geografia possibilitará a promoção da qualidade na Educação Ambiental, no momento em que trabalhar de forma interdisciplinar, formando, assim, estudantes críticos, capazes de colaborar para a transformação de uma sociedade mais humana, justa, solidária, fraterna e sustentável.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, T. M. Subjetividade: inquietações contemporâneas. **Educação e filosofia**, v. 32, n.16, p. 149-159, 2002. Disponível em: <http://desenvolvimento-sustent.blogspot.com/2011/08/irene-pode-custar-ate-us-20-bilhoes-aos.html>. Acesso em: 30 set. 2011.

BECKER, D. F. **Desenvolvimento Sustentável: Necessidade e/ou Possibilidade**. 4º. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Terceiro e Quarto Ciclos**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CASCINO, F. **Educação Ambiental: Princípios, História, Formação dos Professores**. 2º. ed. São Paulo: Editora Senac, 2000.

CASTROGIOVANNI, A. C. et al. **Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações no Cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

COZETTI, N. Lixo - marca incômoda de modernidade. **Revista Ecologia e Desenvolvimento**, v. 96, 2001. Disponível em: <http://www.self-healing.org.br/ecologia.htm>. Acesso em: 12 out. 2011.

CMMAD. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1991.

EVASO, A. S. et al. Desenvolvimento Sustentável: Mito ou Realidade? **Terra Livre**, São Paulo: AGB/São Paulo, n. 11-12, p. 91-101, 1996.

GIDDENS, A. **Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber**. Lisboa: Presença, 1990.

IBRAM. Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal - Brasília Ambiental. Disponível em: <http://www.ibram.df.gov.br>. Acesso em: 01 out. 2010.

MOREIRA, A. F. **Currículos e Programas no Brasil**. Campinas: Papirus, 1995.

NEIVA, A et al. **Agenda 21, o futuro que o brasileiro quer**. Revista Ecologia e Desenvolvimento, 93: 2001.

PHILIPPI JR, A.; PELICIONI, M. C. F. **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. Barueri, SP: Editora Manole, 2005.

REDE DE COOPERAÇÃO PARA SUSTENTABILIDADE. Disponível em: <http://catalisa.org.br>. Acesso em: 27 set. 2011.

REIGOTA, M. **O Que é Educação Ambiental**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1994.

RODRÍGUEZ, J. M. M. La Geografía Física Ante La Educación Ambiental: Desafíos y Perspectivas. In: VII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA. **Anais...** Curitiba: UFPR, v. 2, 1997.

SATO, M. **Educação Ambiental**. São Carlos: RiMa, 2004.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente** – contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.